

**ITINERÁRIOS PROFISSIONAIS DE PROFESSORES
NO BRASIL E EM PORTUGAL:
REDES DE INTERCÂMBIO NO CONTEXTO DE EXPANSÃO
DO MOVIMENTO DA ESCOLA NOVA¹**

Libânia Nacif Xavier

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Maria João Mogarro

Universidade de Lisboa, Portugal



Resumo

O artigo resulta de pesquisas desenvolvidas no âmbito do Programa Capes-Grices e aborda os processos de circulação e apropriação de modelos pedagógicos a partir do cruzamento de itinerários profissionais de professores dedicados à formação e qualificação docente no espaço Brasil-Portugal. A investigação foi construída em torno da análise dos contactos culturais e profissionais que se detectam entre professores/autores brasileiros e portugueses e que tornaram possível (re)leituras das obras que eles produziram, constituindo uma rede de intercâmbios entre um e outro lado do Atlântico. O cruzamento dos itinerários profissionais desses educadores demonstrou as áreas de aproximação e os pontos de distanciamento entre eles, favorecendo, dessa forma, matizar os modos de apropriação das culturas pedagógicas, dos conhecimentos, das propostas e projetos ligados ao ensino e à formação de professores vigentes no contexto em tela.

Palavras-chave: história da educação, redes de intercâmbio, culturas pedagógicas.

¹ Trabalho apresentado no 9º Congresso Ibero-Americano de História da Educação Latino-Americana (Uerj, novembro de 2009).

**PROFESSIONAL TRAJECTORIES OF TEACHERS EDUCATORS
IN BRAZIL AND PORTUGAL AT THE NEW EDUCATIONAL
MOVIMENT CONTEXT**

Abstract

This article relates to researches developed at Capes-Grices Program and focuses on the process of pedagogical models circulating around the world and their appropriation through professional trajectories teachers in the Brazil-Portugal space. The research has been built through the identification of the cultural and professional exchanges between Brazilian and Portuguese teachers/authors. The analysis of this interactions makes new readings of their work possible, building a cultural and professional network, connecting both sides of the Atlantic Ocean. Their professional trajectories revealed similarities and differences between their work, which contributes distinguish the appropriations of pedagogical cultures, knowledge and projects that the teacher's educators in that historical context.

Key-words : history of education, professional network, pedagogical cultures.

**ITINÉRAIRES PROFESSIONNELS DES PROFESSEURS AU BRÉSIL
ET AU PORTUGAL: RÉSEAUX D'ÉCHANGE DANS LE
MOUVEMENT DE LA NOUVELLE ÉCOLE**

Resumé

L'article est le résultat des recherches développées dans le cadre du Programme Capes-Grices et examine les processus de la circulation et d'appropriation des modèles pédagogiques en partant du croisement des itinéraires professionnels des professeurs dédiés à la formation et qualification des enseignants dans l'espace du Brésil-Portugal. L'investigation à été construite autour de l'analyse des contacts culturels et professionnels détectés entre professeurs/auteurs brésiliens et portugais qui ont rendu possible des nouvelles (re)lectures des œuvres qu'ils ont produit, établissant un réseau d'échange entre un et l'autre côté de l'Atlantique. Le croisement des itinéraires professionnels de ces enseignants a démontré les domaines de rapprochement et les points d'écart entre eux, mettant, ainsi, en évidence les formes d'appropriation des cultures pédagogiques, des connaissances, des propositions et des projets liés à l'enseignement et la formation des enseignants dans l'époque.

Mots-clés: histoire de l'éducation, réseau d'échange, cultures pédagogiques.

**ITINERARIOS PROFESIONALES DE PROFESORES EN BRASIL Y
PORTUGAL: REDES DE INTERCAMBIO EN EL CONTEXTO
DE EXPANSIÓN DEL MOVIMIENTO DE LA ESCUELA NUEVA**

Resumen

El artículo resulta de investigaciones desarrolladas en el contexto del Programa Capes-Grices y aborda los procesos de circulación y apropiación de modelos pedagógicos a partir de itinerarios profesionales de profesores dedicados a la formación docente en el espacio Brasil-Portugal. La investigación centró su análisis en los contactos culturales y profesionales que se detectaron entre profesores/autores brasileños y portugueses y permitieron (re)lecturas de las

obras que produziram, ao constituir uma rede de intercâmbios entre ambos lados do Oceano Atlântico. O cruzamento dos itinerários profissionais de estes educadores demonstrou áreas de aproximação e pontos de distância entre eles, favorecendo a distinção de modos de apropriação de culturas pedagógicas, conhecimentos, propostas e projetos vinculados à docência e à formação docente, vigentes naquele contexto.

Palavras-chave: história da educação, redes de intercâmbio, culturas pedagógicas.

Introdução

O artigo resulta de pesquisas desenvolvidas no âmbito do convênio Capes-FCT e aborda os processos de circulação e apropriação de modelos pedagógicos a partir do cruzamento de itinerários profissionais de professores dedicados à formação e qualificação docente no espaço Brasil-Portugal. A partir da análise da biblioteca privada do educador português Manoel Pestana, foi possível identificar a presença de livros de autoria de professores brasileiros, dentre eles Luiz Alves de Mattos, Lauro de Oliveira Lima, Imídio Nérci e Irene Mello de Carvalho (Mogarro, 2006). Nesse conjunto, merece destaque a recepção positiva do livro de Luiz Alves de Mattos, *Sumário de Didática Geral*, cuja primeira edição brasileira data de 1957, alcançando a 10ª edição no início dos anos de 1970.

A relação de livros que compõe a biblioteca de Manuel Pestana reflete um momento forte na época em que o professor português escreveu e editou os seus manuais de didática especial e compreende um conjunto de publicações que se voltam para a didática geral e para algumas técnicas de ensino específicas como o uso do áudio-visual, as dinâmicas de grupo e o ensino programado. Em comum, elegem como interlocutores preferenciais os formadores de professores e como público leitor os próprios professores em formação e os que já se encontravam no exercício da profissão.

Manoel Pestana e Luiz Alves de Matos apresentam uma produção escrita que expressa modos particulares de apropriação das culturas pedagógicas em circulação nas décadas de 1960-1970, no espaço luso-brasileiro, nos quais é possível perceber a predominância do ideário do

movimento da Escola Nova ao lado de outras culturas menos evidentes, porém igualmente presentes nesses escritos. Demonstram também a adesão a um projeto de validação técnico-científica do campo da pedagogia, se esforçando por criar uma metodologia consistente e, ao mesmo tempo, dotada de um *quantum* de flexibilidade desejável para constituir e consolidar um modelo de formação de professores com esteio teórico e promotor de uma prática eficaz, segundo as concepções dominantes no contexto em que foram escritos e publicados os manuais de didática destes educadores.

A investigação foi construída em torno da identificação dos contactos culturais e profissionais que se detectam entre professores/autores brasileiros e portugueses e que tornaram possível (re)leituras das obras que eles produziram, num processo de circulação de ideias e de apropriação de culturas pedagógicas, que constituiu uma rede entre um e outro lado do Atlântico. O cruzamento dos itinerários profissionais desses educadores demonstrou as áreas de aproximação e os pontos de distanciamento entre eles, favorecendo, dessa forma, matizar os modos de apropriação das culturas pedagógicas - dos conhecimentos, das propostas e projetos ligados ao ensino e à formação de professores vigentes no contexto em tela.

Defendemos que a observação das formas de apropriação dos postulados do movimento da escola nova abertas nesse intercâmbio de referências bibliográficas nos permite perceber aspectos ligados às metamorfoses processadas na continuidade desse movimento em conjunturas políticas aparentemente desfavoráveis ao seu pleno desenvolvimento, assim como nos oferece novos elementos para refletirmos sobre alguns traços presentes no debate pedagógico, nas reformas de ensino e nas práticas docentes em curso nos dias atuais.

Percursos da Escola Nova em Portugal

Em Portugal, a geração de pedagogos que marcou o discurso pedagógico na década de 1920 filiava-se nos princípios da Escola Nova e

os seus nomes mais representativos foram António Sérgio, Adolfo Lima, Álvaro Viana de Lemos e Faria de Vasconcelos. Eles protagonizaram um movimento de renovação pedagógica, de sentido progressista, contribuindo para a grande vitalidade que a retórica educativa apresentou durante a Primeira República portuguesa (1910-1926). Internacionalmente, mantiveram contactos regulares com personalidades do movimento da Escola Nova e freqüentaram os principais centros europeus.

A partir de 1926, a ditadura militar e depois o Estado Novo (1933-1974) impuseram a repressão, a censura e o autoritarismo, perseguindo, prendendo e silenciando os pedagogos renovadores e progressistas. Em face de esta situação, o próprio A. Ferrière assumiu uma atitude de prudência, aconselhando-os a substituir a designação *éducation nouvelle* pelas palavras *éducation selon la science et le bon sens*. A posição deste grupo renovador português ficou ainda mais fragilizada quando Cruz Filipe e os seus seguidores, nacionalistas e defensores do regime salazarista, declararam, em 1929, representar, em Portugal, a Liga Internacional da Educação Nova. O movimento de sentido progressista da Educação Nova eclipsava-se, em Portugal.

Nos discursos educativos que marcavam a política oficial portuguesa afirmou-se então uma pedagogia conservadora, nacionalista e católica: a escola era “a sagrada oficina das almas” (Salazar), a autoridade do professor e a ordem social não se punham em causa, os valores e a moral católicas impregnavam todos os contextos escolares e a componente técnica do ensino era fortemente afirmada, num sentido disciplinar (Nóvoa, 1987; Mogarro, 2001). O ideário pedagógico de sentido renovador e progressista foi substituído por um discurso predominantemente autoritário, nacionalista e católico e que era difundido de forma repetitiva, sistemática e monolítica no Portugal de Salazar e nas suas escolas oficiais.

O sistema educativo português era também fortemente centralizado, exercendo o Estado um forte controle sobre os professores, à

semelhança do que acontecia com a sociedade em geral e com os funcionários públicos em particular. As escolas privadas estavam sujeitas a um forte controle, sendo supervisionadas pelas escolas oficiais, onde os seus alunos eram avaliados. Só nos anos 1960 Portugal atingiu a escolarização plena das crianças em idade escolar. Por seu lado, apenas a formação de professores do ensino primário era ministrada, como curso específico, numa instituição. Os docentes do ensino secundário realizavam grande parte da sua profissionalização nos liceus ou escolas profissionais.

Na década de 1960, os professores estavam investidos de um poder social, cultural e simbólico que lhes conferia grande prestígio junto das populações e lhes advinha da sua relação com poder estatal. Aliás, o Estado Novo arquitectou um perfil profissional dos professores, recuperando as dimensões de missão e sacerdócio, articuladas com o desempenho profissional e a condição social de meio-termo: um apóstolo da “verdadeira escola portuguesa”, católica e nacionalista, na esteira das “gloriosas tradições” da pátria. Uma concepção de profissional, cuja actividade se encontrava no cruzamento de referências “ao magistério docente, ao apostolado e ao sacerdócio, com a humildade e a obediência” que deveriam caracterizar os funcionários públicos (Nóvoa, 1987).

Os trajectos profissionais dos docentes construíram-se numa afirmação da sua competência, mas também numa relação estreita com o Estado. Interessam-nos em particular os professores que foram formadores de professores e autores de textos pedagógicos. Como os outros docentes, eles eram funcionários públicos e deviam apresentar o mesmo perfil, mas a sua condição prolongava-se na sua qualidade de elementos de um campo de produção cultural e fazia-se sentir de forma poderosa sobre as obras que eles produziam. As suas produções reflectem também os vectores estruturantes da profissão docente: os conhecimentos e as técnicas, as normas, as regras éticas e deontológicas, expressando-se assim as ideias que configuravam a actividade do professor neste período.

As *leituras próprias*, no sentido de traduções, refrações sobre as obras que liam (Chartier, 1994), realizadas por estes docentes incidiam sobre as obras da cultura profissional que influenciavam a sua prática. Os autores de manuais moviam-se num campo de produção cultural fortemente controlado, dominado pela censura sobre todas as formas de expressão e pela fidelidade que o regime lhes exigia. Neste sentido, coloca-se a questão do grau de autonomia do campo cultural (Bourdieu, 1991), revelado exactamente pela capacidade de mediação dos seus elementos, através da produção de *leituras próprias* sobre as obras que conformavam a sua cultura profissional, assim como sobre os constrangimentos que lhe eram colocados por poderes e influências exteriores.

Os *Cadernos de didáctica especial* de Manuel Pestana (1963, 1964 e 1966), professor de Didáctica na Escola do Magistério Primário de Portalegre, expressam esta condição. Ele faz críticas claras à escola tradicional e à forma de ensinar a ela associada; fundamenta o trabalho docente com base em verdades cientificamente provadas; defende as metodologias activas e a construção do conhecimento pelo esforço dos alunos; afirma privilegiar o ensino prático e a importância do meio local, como universo de aprendizagens e de recursos; faz referências a projectos, trabalhos de grupo e ensino individualizado; considera a utilização do manual, mas de forma equilibrada e não exclusiva, referindo outros recursos didácticos. Nestas obras, estamos perante o ideário da Escola Nova, que terá permanecido nos discursos pedagógicos ao longo de três décadas e foi explicitamente assumido por este autor nos seus escritos, assim como outros da sua geração, revelando-se a permanência e utilização regular dos princípios escolanovistas na argumentação pedagógica.

Nos mesmos discursos, encontramos a presença dos valores oficiais do regime, articulados em torno dos dois eixos de referência: o nacionalismo e o catolicismo. Os textos estão também marcados pela necessidade de cumprir os programas, pela problemática da disciplina,

pela importância da ideia de império colonial. Mas estas questões são colocadas num segundo plano e dominadas por uma apropriação que os autores fazem dos princípios da Escola Nova, declarando explicitamente a sua adesão a esse modelo pedagógico (Mogarro, 2001). Assim, torna-se necessário esclarecer as formas e os modos como estes princípios persistiram após a aparente ruptura do início da década de 1930, permanecendo nos discursos pedagógicos produzidos no campo educativo oficial de um poder autoritário e repressivo.

Percursos da Escola Nova no Brasil

Assim como em Portugal, os anos 1920 no Brasil foram marcados pela intensa mobilização de intelectuais de diferentes filiações ideológicas em torno às demandas de organização do ensino público. Nesse campo, católicos, escolanovistas, integralistas e anarquistas, dentre outros, se mobilizaram em torno à organização do ensino nacional. Mas coube ao movimento da escola nova a liderança nesse processo, contando com expoentes como Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo e Lourenço Filho. Estes educadores procuraram interferir no âmbito das políticas do Estado republicano com vistas a fundar as bases da educação pública brasileira em articulação com a construção da sociedade democrática, bandeiras pelas quais seguiram lutando ao longo de seus itinerários profissionais.

Em prol dessas bandeiras, eles estabeleceram contatos internacionais e selaram alianças com outros educadores atuantes no cenário nacional. Contudo, o período do Estado Novo (1937-1945) relegou o movimento e seus atores a um segundo plano, ao mesmo tempo em que promoveu a organização de uma estrutura burocrática destinada aos assuntos da educação pública, estabelecendo rígido controle sobre as escolas, os programas de ensino e os manuais didáticos. Por outro lado, reafirmou, por meio das leis orgânicas, o sistema dual de educação que, reforçando o caráter elitista e seletivo do ensino secundário, por ser o único curso propedêutico ao ensino superior,

relegava aos setores populares uma trajetória escolar que terminava com a conclusão de um curso profissionalizante de nível médio.

O desenvolvimento industrial que marcou a década de 1950 impulsionou um crescimento vertiginoso do ensino secundário.² Porém, o crescimento do número de escolas secundárias não foi acompanhado pelo crescimento do número de professores habilitados para lecionar nessas escolas. Verificando que mais de 20 mil docentes, em 1954, exerciam o magistério sem nenhuma habilitação legal, o Ministério da Educação atribuiu à Campanha de Desenvolvimento do Ensino Secundário - Cades, criada em 1952, a tarefa de certificar os professores em exercício.

Segundo Oliveira Lima, o professorado da escola secundária brasileira podia ser dividido em dois grupos, à época. O primeiro grupo era formado pelos professores da capital, sendo a maioria deles licenciada pelas Faculdades de Filosofia ou pelo Ministério da Educação. O segundo grupo, mais numeroso que o primeiro, era formado por professores das cidades do interior, sem habilitação para lecionar.³ Diante dessa realidade, o Ministério da Educação lançou mão de um sistema de emergência através dos cursos de preparação para exames de suficiência.

Para apoiar suas atividades de formação e certificação, a Cades contava com uma revista especializada em assuntos ligados ao ensino secundário, tendo Luiz Alves de Mattos como seu editor chefe. O conteúdo dos editoriais da revista *Escola Secundária* denotava preocupação com o tipo de contribuição que o ensino secundário poderia oferecer ao desenvolvimento econômico do país. A revista se ocupou,

² Dados do jornal *Correio da Manhã* (18/11/1956, p. 13) apresentam as cifras aproximadas desse crescimento. Segundo o jornal, em 1932, existiam cerca de 280 escolas secundárias no Brasil e, em 1956, ano em que foi feita a reportagem, calculava-se existirem em torno de 2.004 unidades escolares, assinalando um crescimento de cerca de mil por cento, até aquela data.

³ Conferência proferida por Lauro de Oliveira Lima no Centro Regional de Pesquisas Educacionais do Recife, em 17/10/1959. Arquivo Cades, doc. 27, Proedes-UFRJ.

preferencialmente, com a certificação e a qualificação do professorado, sem pretender alterar substancialmente o caráter seletivo e elitista do ensino médio brasileiro.

Em contraste com tal orientação, cabe destacar a ocorrência de vários movimentos que propugnavam mudanças mais amplas na educação brasileira, dentre os quais citamos, a título de exemplo, a eclosão da greve dos professores do ensino secundário, ocorrida no Rio de Janeiro, em 1956, com expressiva repercussão nos principais jornais em circulação à época, bem como os movimentos de educação e cultura popular que pontuaram os anos 1960, visando à democratização do acesso aos conhecimentos escolares e a divulgação e valorização das mais variadas formas de expressão das culturas populares.

Porém, as inflexões produzidas no país após a imposição do regime militar, em 1964, interromperam todos os movimentos políticos, sociais e culturais que fugiam ao controle dos governos militares, adotando um modelo de política educacional que preconizava a segurança e a estabilidade do regime, ao lado da expansão controlada do acesso à educação escolar, seja no que tange à aplicação de recursos públicos, seja no que se refere à adoção de modelos e práticas pedagógicas. A partir de então, torna-se possível perceber uma maior assimilação de modelos educacionais que preconizavam o valor dos procedimentos e normas técnicas formais como forma de legitimação do campo pedagógico. Ao que indicam as fontes aqui analisadas, a utilização da ciência no interesse da educação e da pedagogia, tal como se apresenta no contexto em análise, se dá no sentido de imprimir a este um caráter aparentemente neutro em relação aos projetos de sociedade em disputa no momento.

Torna-se cada vez mais evidente o investimento na invenção de um modelo dotado de pressupostos bem definidos e muito pouco abertos a contestações e mudanças na medida em que estes assumem a finalidade de prestar um serviço, ao governo e à juventude, tendo em vista “a modernização e eficiência de nossa estrutura escolar” (Mattos, 1963, p.

18). Atende desse modo, a uma visão clássica do liberalismo, muito mais conservadora do que democrática e mais preocupada com a acomodação do que com a problematização. Nessa perspectiva a modernização aqui proposta sugere a rotinização dos procedimentos pedagógicos, ao lado de uma fundamentação teórica que valoriza a apropriação formal e parcial (isto é, aplicadas a situações pedagógicas previsíveis e padronizadas) das grandes experiências e teorias forjadas no âmbito da produção acadêmica internacional.

Importa destacar que esse tipo de orientação não descartou o diálogo com as inovações difundidas pelo movimento da escola nova, como atesta a referência a nomes basilares deste movimento, como John Dewey, nos programas de curso e nos manuais didáticos escritos por Luiz Alves de Matos. Nesses documentos, percebe-se uma mescla de referências que associa aspectos do ideário escolanovista a outros ligados ao ideário católico, tendo como base a busca de uma eficácia técnica. Desse modo, o estudo do itinerário profissional de Matos demonstra que suas idéias e propostas pedagógicas se apropriaram do ideário escolanovista, mantendo, no entanto, estreita relação com os valores políticos, sociais e religiosos dominantes no contexto do regime militar no Brasil.

O itinerário de Manuel Inácio Pestana

Manuel Inácio Pestana (1924-2004) nasceu no Alandroal (Évora) e obteve o seu diploma profissional de professor do ensino primário na Escola do Magistério Primário de Évora, em 1945, com elevada classificação. Consideramos o itinerário deste docente como significativo, constituindo um exemplo da vida profissional dos autores de manuais que pertenceram à sua geração, constituindo uma comunidade discursiva, com fortes laços de convivência e comunicação entre si.

Iniciou a actividade docente no ensino primário (1945-1959) numa pequena localidade do Alentejo (Lavre), onde casou com uma professora, também do ensino primário. Esta segunda fase foi também marcada pelo

desempenho das funções de bibliotecário e arquivista (que iniciou em 1949) da Fundação da Casa de Bragança, instituição que possui a documentação da última dinastia dos reis de Portugal. Conciliou o exercício destas funções com a actividade de professor, até ao final da sua vida.

No ano de 1960, tornou-se professor da Escola do Magistério Primário de Portalegre e pertenceu ao quadro de professores desta escola até à sua extinção, em 1989. Podemos considerar um terceiro tempo (1960-1973) no seu ciclo de vida, dominado pelo papel de formador, mas também pelos seus textos pedagógicos, com destaque para os manuais *Didáctica*. Em 1965 realizou, com sucesso, provas públicas no primeiro concurso nacional para professores efectivos de Didáctica Especial das Escolas do Magistério Primário, na sequência do exercício das suas funções de docente. É no contexto da preparação destas provas que surgem os referidos *Cadernos*, manuais que apresentam as características próprias deste tipo de obras (Roulet, 2001), marcadas pela simplicidade, familiaridade e difusão alargada. O percurso pedagógico deste professor atingiu o seu nível mais elevado neste período, com as provas públicas que realizou, as obras que escreveu e os projectos que desenvolveu. Organizou e colaborou em exposições, conferências e experiências pedagógicas (o rádio escolar e a utilização de recursos didácticos novos, como o material *cuisenaire*).

A intervenção cultural, social e política deste professor foi intensa. Exerceu ainda vários cargos de natureza política e cultural, sendo responsável pelos museus locais e pela biblioteca municipal. Na sua escola garantiu a publicação da revista *Mais Além*, durante a década de sessenta e concluiu o curso de Ciências Pedagógicas na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

A revolução de 1974 encontra-o como presidente da Câmara Municipal de Portalegre, cargo que deixou logo de seguida. Nos anos seguintes, esteve destacado em serviços administrativos do sistema educativo e concluiu a licenciatura em História na Faculdade de Letras da

Universidade do Porto, em 1980. Regressou então à sua Escola do Magistério Primário, em Portalegre e continuou a escrever numerosos livros e artigos, principalmente sobre história regional e local. Em 1989, passou a ser professor da Escola Superior de Educação de Portalegre, que substituiu a antiga escola do magistério primário, aposentando-se em 1993 (Mogarro, 2006). Durante os 29 anos em que foi professor da Escola do Magistério Primário de Portalegre, publicou 86 títulos, distribuídos por livros e artigos.

O itinerário de Luiz Alves de Mattos

A presença do catolicismo, associada a uma apropriação superficial do pragmatismo norte-americano, se apresentam como componentes fortes na formulação de alguns dos manuais didáticos produzidos no período, demonstrando a interferência dos itinerários de vida de seus autores no conteúdo dos referidos manuais, como se pode conferir com base na análise da trajetória de Luiz Alves de Mattos. Ele nasceu na cidade de São Paulo, em 12 de novembro de 1907 e o fato de seu pai trabalhar como jardineiro no Seminário da Glória, escola confessional localizada na cidade, favoreceu, desde cedo, o desenvolvimento de seus estudos e a sua relação com a religião católica. Em 1924, portanto aos 17 anos, iniciava os estudos superiores em Filosofia e Teologia na Ordem de São Bento, no Rio de Janeiro. Após completar o curso superior de Filosofia, em 1926, transferiu-se para a Catholic University of América, em Washington (DC) Estados Unidos, para aprofundar a doutrina social da igreja e os conteúdos relacionados à área da educação.

Após retornar dos Estados Unidos (1932), tornou-se catedrático de Psicologia Educacional e Sociologia Educacional da Faculdade de Filosofia Sedes Sapientiae (1933-1937) e de Psicologia Educacional e Metodologia da Faculdade de Letras de São Bento (1935-1939), ambas em São Paulo. Permaneceu na Ordem Beneditina até 1939, quando obteve seu pedido de laicização concedido pelo Papa.

Em seguida, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde assumiu os cargos de diretor, membro do Conselho Universitário e professor catedrático de Filosofia Educacional e História da Educação da Universidade do Distrito Federal - UDF - por um ano apenas (1938-1939), tendo em vista que aquela experiência pioneira no âmbito do ensino superior, idealizada por Anísio Teixeira, fora objeto de intervenção do governo, tendo parte de seus cursos incorporados à Universidade do Brasil. Em 1939, atuava como professor titular de Didática Geral e Especial da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, hoje UFRJ, cargo que ocupou até 1972.

A partir da década de 1940, passou a dedicar-se a várias funções no âmbito da educação. Em 1947, ingressou nos quadros da Fundação Getúlio Vargas - FGV, atuando no Departamento de Ensino desta instituição. Teve atuação de destaque na Escola Brasileira de Administração Pública - Ebaop -, exercendo, também, a função de supervisor do Colégio Nova Friburgo, ligado à FGV. Era este um colégio experimental, onde se buscava implantar o método de unidades didáticas difundido, a partir de 1926, pelo norte-americano Henri Morrison e que se caracteriza como uma proposta próxima aos passos da instrução formal de Herbart.⁴ Dirigida por Irene Mello de Carvalho, essa experiência pedagógica foi relatada no livro intitulado *O ensino por unidades didáticas*, que também compõe a Biblioteca de Manuel Pestana. É bastante sugestivo o prefácio deste livro, publicado pelo Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE), dirigido à época por Anísio Teixeira que, também, assina o referido prefácio, qualificando a proposta pedagógica

⁴ As fases do Plano Morrison correspondem às seguintes atividades didáticas: a) Exploração: etapa em que o professor deve reunir os elementos relativos ao tema que irá tratar, com vistas à elaboração das atividades de ensino; b) Apresentação: exposição sucinta do conteúdo pelo professor; c) Assimilação: proposição de exercícios de fixação, com vistas a fazer com que o aluno assimile os pontos fundamentais de cada unidade didática; d) Organização: nesta etapa, o aluno deve realizar atividades alusivas ao tema sem o auxílio do professor; e) Recitação: na etapa final o aluno deve realizar uma exposição oral a respeito do assunto trabalhado, cabendo então a avaliação final da aprendizagem através da avaliação do desempenho do aluno nesta atividade. A partir destas etapas, concernentes ao Plano Morrison, o CNF teria desenvolvido um método de ensino próprio, o método do ensino por unidades didáticas. Cf. Santos (2005).

do Colégio Nova Friburgo como uma proposta de base conservadora, porém arrojada. Em 1969, o livro obteve uma segunda edição, pela editora da Fundação Getúlio Vargas.

Como catedrático da cadeira de Didática da UB, Mattos criou e dirigiu o Colégio de Aplicação da Faculdade Nacional de Filosofia desta Universidade (1948-1965). O destaque alcançado por este colégio na cena educacional da cidade do Rio de Janeiro, que ainda hoje se mantém, nos levou a destacar esta experiência pedagógica, ao lado da análise do livro *Súmula de didática geral*, existente na biblioteca de Pestana, como motes para investigarmos os modos particulares por meio dos quais Luiz Alves de Mattos se apropriou dos pressupostos da escola nova e os adaptou aos contextos nos quais transitou.

Foi redator chefe da revista *Escola Secundária*, veículo de divulgação da Campanha de Desenvolvimento do Ensino Secundário - Cades - ligada ao Ministério da Educação. Publicou os seguintes livros: *O quadro negro e sua utilização no ensino* (2ª edição em 1969); *Os objetivos e o planejamento do ensino* (1957); *Primórdios da educação no Brasil* (1958); *A linguagem didática no ensino moderno* (2ª edição em 1960); *O conceito de experiência na filosofia, na educação e no ensino* (1961).

Participou de cursos de formação e de aperfeiçoamento de professores promovidos por diferentes instituições, a saber: Ministério da Educação, na área de Organização da Administração Escolar, (1947-1963); Ministério da Guerra - Estado Maior, na área de Didática (1949-1963); Escola de Serviço Público do Departamento Administrativo do Serviço Público, na área de Didática (1960-1963). Foi membro do Conselho Superior da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior - Capes (1961-1963) e um dos criadores do Instituto de Estudos Avançados em Educação (Iesae-FGV), sendo seu diretor (1961-1963).

Tal como outros itinerários profissionais de lideranças ativas na organização do campo educacional brasileiro, Luiz Alves de Matos atuou em diversas frentes, interferindo na formação de professores através do

ensino universitário, por meio de cursos de curta duração, apoiado na publicação de manuais e outros materiais didáticos, dirigindo escolas e participando das atividades do Ministério da Educação. Sua movimentação no interior deste campo sugere a combinação entre laços de ordem política e ideológica com a competência profissional necessária ao desempenho de tantas e variadas funções. Em outras palavras, o educador era detentor de capital social, cultural e político e operou com eles para ocupar variadas e estratégicas posições no campo profissional em que atuava (Bourdieu, 1997).

A biblioteca pedagógica como lugar de saber e de memória

Na extensa biblioteca do professor Manuel Pestana interessam-nos em particular os livros profissionais. Ele constituiu a sua biblioteca pedagógica ao longo de um percurso profissional rico e produtivo e as obras que a constituem revelam as suas leituras e os autores que o influenciaram e contribuíram para a sua formação.

Um aspecto que ressalta na análise desta biblioteca é o facto de ser constituída por um número significativo de obras estrangeiras, principalmente brasileiras. Considerando o ciclo profissional deste professor, a fase que corresponde aos anos 1960, início da década de 1970, foi a mais significativa e durante a qual ele aumentou consideravelmente o número dos seus livros profissionais: 91 de um total de 240 livros, dos quais 36 eram edições brasileiras.

Saliente-se que este período é também o mais importante na produção de textos pedagógicos da autoria de Manuel Pestana, estabelecendo assim uma relação entre o enriquecimento da biblioteca e a sua afirmação como autor de manuais de didáctica especial.

Considerando o total de 240 livros (a biblioteca era mais vasta, mas nem todas as obras foram identificadas), há 97 edições portuguesas, 67 brasileiras, 34 em língua espanhola (com destaque para 18 edições venezuelanas), 21 francesas e 21 italianas.

A existência das obras de autores brasileiros, nomeadamente os já referidos, e de traduções publicadas por editoras do Brasil, na biblioteca particular que estamos a analisar, assume um significado particular. Esta presença revela a produção de um pensamento pedagógico no espaço da lusofonia, a circulação de saberes pedagógicos por via dos materiais impressos e as modalidades de apropriação que possibilitaram essa produção, estabelecendo simultaneamente uma rede de comunicação entre as comunidades brasileira e portuguesa no campo da pedagogia, em particular entre os autores que tinham como referência a Educação Nova.

As aquisições de Pestana eram principalmente de obras de pedagogia, metodologia e didáticas, seguidas de temas de psicologia, mas também sobre ensino e aprendizagem da leitura, da história e de outras áreas disciplinares. Este interesse pela educação brasileira intensifica-se com uma visita que Manuel Pestana fez ao Brasil, em 1972. Esta viagem permitiu-lhe um contacto direto com a realidade educativa vivida neste país e a actualização bibliográfica (Mogarro, 2006), tendo adquirido vários livros e, curiosamente, um número muito significativo de brochuras sobre alfabetização, em especial do Mobral.⁵

Importa realçar que várias das obras têm marcas de leitura: elas estão, em muitas páginas, sublinhadas, apresentam marcas ou notas à margem e remetem por vezes para outras páginas e assuntos, no mesmo livro. Estes traços materiais revelam um processo de leitura própria que Pestana realizava sobre os livros que possuía, num exercício de interpretação das ideias dos seus autores. A obra *Sumário de didática geral*, de Luiz Alves de Mattos, 10.^a edição, é um dos que apresenta mais marcas de leitura, em dezenas das suas páginas. O fato de se referir diretamente ao campo da didática justifica a presença deste livro na referida biblioteca. Trata-se de um manual elaborado com objetivos muito

⁵ O Movimento Brasileiro de Alfabetização - Mobral - foi um programa criado em 1967, tendo sido gerido pelos governos militares que se sucederam no Brasil até a década de 1980, com vistas a substituir as iniciativas descentralizadas de alfabetização, bem como os movimentos de educação e cultura popular que foram proibidos de ter prosseguimento durante o período dos governos militares (1964-1985).

semelhantes aos *Cadernos de didática especial*, publicados por Pestana. Podemos afirmar que ambos os manuais se inserem em um movimento de consolidação desta área disciplinar no âmbito da formação e certificação de professores, seja no contexto das políticas voltadas para os professores em serviço, seja nos cursos voltados para a formação inicial de professores levados a efeito nas escolas do magistério primário ou nas faculdades de filosofia.

Na defesa dos princípios da Educação Nova, Manuel Pestana apresentou uma base científica, citando autores estrangeiros de referência, como Aguayo, Claparède, Collings, Décroly, Dewey, Ferrière, Freinet, Froebel, Herbart, Kerschensteiner, Kilpatrick, Piaget, etc. Eles surgem nos manuais com referências simples, integradas no texto. Certamente que o conhecimento destes autores se processou, em grande parte, através das leituras de obras brasileiras da especialidade.

Se estas obras eram já instrumentos de divulgação do ideário da Escola Nova, o leitor Manuel Pestana fez a sua interpretação própria dessas interpretações anteriores, seleccionando-as de uma literatura mais alargada que tinha à sua disposição, certamente por estabelecer com elas um mecanismo de identificação com o seu próprio pensamento. O lugar que ele ocupa é de uma posição intermédia entre a produção dos autores e tradutores brasileiros e os seus próprios leitores. Ele não se limitou a transpor as ideias, mas realizou leituras e construiu uma interpretação própria desses saberes que chegavam até ele, apropriando-se deles e adaptando-os à sua própria realidade profissional e às características do campo educativo português. A sua biblioteca foi um repositório de saberes. Para nós é, também, um lugar de memória.

Considerações finais

Luiz Alves de Mattos foi professor do ensino superior e dirigiu a sua obra preferencialmente para o ensino secundário. Manuel Pestana foi professor do ensino normal (médio, na altura) e os seus livros de didática são dirigidos ao ensino primário. No entanto, no percurso destes

pedagogos sugerem óbvios traços de convergência: as suas obras são marcadas pela perspectiva de racionalização do trabalho docente, com o desenvolvimento de técnicas de ensino, planificação e utilização de novos instrumentos pedagógicos. Outro aspecto fundamental é a filiação no catolicismo, cujos princípios enquadram as propostas apresentadas e que representam o intenso combate pelo domínio do campo educativo e pela formulação de um discurso pedagógico, elaborado a partir de uma leitura católica dos princípios da Escola Nova.

Leitura católica do modelo pedagógico escolanovista, tecnicismo didático, concepção do professor como referência social e cultural, normatividade social, afirmação do discurso eminentemente educativo, são aspectos comuns aos dois autores. Mattos e Pestana produziram os seus manuais no âmbito das actividades docentes e o seu público destinatário era, prioritariamente, os próprios alunos, apresentando às obras uma dimensão essencialmente prática e exemplificativa.

Referências

BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Lisboa: Celta, 1997.

CHARTIER, Roger. *L'histoire aujoued'hui: doutes, defis, propositions*. Universitá de Valencia/Associacion Vasca de Semiótica, 1994.

MATTOS, Luiz Alves de. *Sumário de didática geral*. Rio de Janeiro: Aurora, 1958.

MENDONÇA, Ana Waleska et al. Pragmatismo e desenvolvimentismo no pensamento educacional brasileiro. In: *Revista Brasileira de Educação*, v. 11, 2006, p. 96-113.

MOGARRO, Maria João. *A formação de professores no Portugal contemporâneo: a Escola do Magistério Primário de Portalegre*. Tese de doutoramento. Cáceres: Universidade da Extremadura, 2001.

MOGARRO, Maria João. Bibliotecas particulares e saberes pedagógicos: circulação e apropriação de modelos culturais. In: PINTASSILGO, Joaquim; FREITAS, Marcos Cezar; MOGARRO, Maria João; CARVALHO, Marta Maria Chagas de (org.). *História da escola em Portugal e no Brasil: circulação e apropriação de modelos culturais*. Lisboa: Colibri, 2006, p. 233-257.

NÓVOA, António. *Le temps des professeurs: analyse socio-historique de la profession enseignante au Portugal (18e-20e siècle)*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1987.

PESTANA, Manuel Inácio. *Didáctica da língua materna (leitura, escrita, ortografia, redacção, gramática)*. Coimbra: Atlântida, 1963.

PESTANA, Manuel Inácio. *Prática pedagógica: 75 planos de lição de língua materna*. Coimbra: Atlântida, 1964.

PESTANA, Manuel Inácio. *Didáctica do ensino da história*. Coimbra: Atlântida, 1966.

ROULLET, M. *Les manuels de pédagogie (1880-1920): apprendre à enseigner dans les livres?* Paris: PUF, 2001.

SANTOS, Pablo Bispo. *O Colégio Nova Friburgo da Fundação Getúlio Vargas: mergulhando na sua memória institucional*. Rio de Janeiro: PUCRJ, 2005. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

VILARINHO, Lúcia R. G; MATTOS, Luiz Narcizo Alves de. In: FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque; BRITTO, Jader de Medeiros (org.). *Dicionário de educadores brasileiros: da colônia aos dias atuais*. Rio de Janeiro: UFRJ/MEC-Inep, 1999, p. 348-355.

XAVIER, Libânia Nacif. A política de publicações do CBPE e a perspectiva de formar uma consciência nacional (1955-1965). In: *O Inep na visão de seus pesquisadores*. Brasília: MEC/Inep, 2008, p. 67-96.

LIBÂNIA NACIF XAVIER é professora associada da Faculdade de Educação da UFRJ, onde atua no Programa de Pós-Graduação. É autora do livro *O Brasil como laboratório* (Edusf, 2000), além de coletâneas, artigos e capítulos de livros em publicações da área.
Endereço: UFRJ/Proedes - Avenida Pasteur, 290 - 22.290-240 - Rio de Janeiro - RJ.
E-mail: libaniaxavier@hotmail.com.

MARIA JOÃO MOGARRO é investigadora da Universidade de Lisboa. É co-organizadora do livro *História da escola em Portugal e no Brasil* (Colibri, 2006) e autora de coletâneas, artigos e capítulos de livros em publicações da área.
Endereço: Universidade de Lisboa - UI&DCE. Avenida da Universidade, 1649-013. Lisboa - Portugal.
E-mail: mariamogarro@gmail.com.

Recebido em: 15 de fevereiro de 2011.

Aceito em: 20 de abril de 2011.